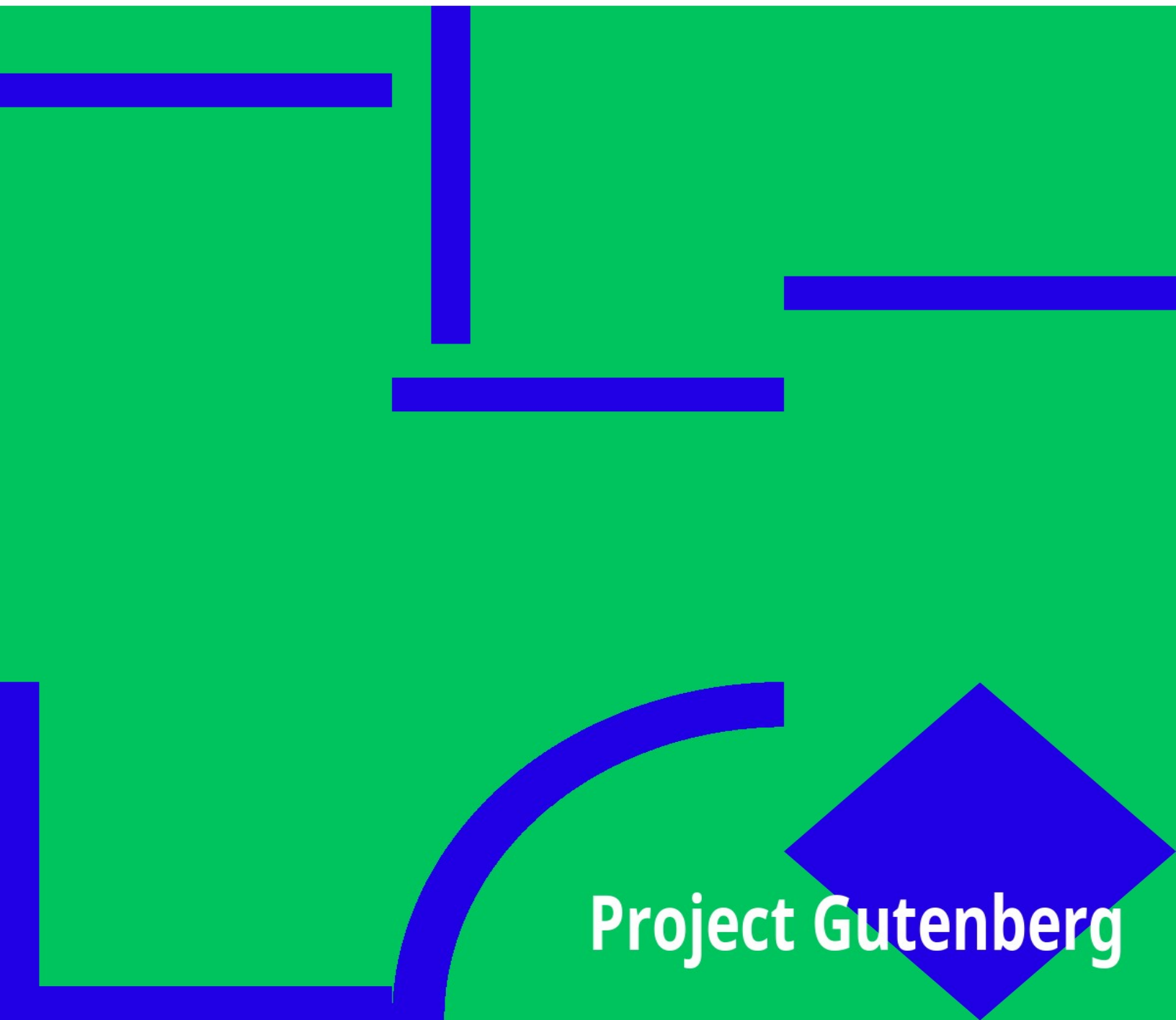


# Dôr e Luz

Acúrcio Correia da Silva

The background of the lower half of the image is a solid green color. Overlaid on this are several thick, vibrant blue geometric shapes. These include a horizontal line on the left, a vertical line intersecting it, another horizontal line below the vertical one, and a horizontal line on the right. In the bottom right corner, there is a large blue diamond shape. A thick blue curved line, resembling a quarter-circle arc, starts from the bottom left and sweeps towards the center. The text 'Project Gutenberg' is written in white, sans-serif font, positioned over the bottom right area, partially overlapping the blue diamond and the green background.

Project Gutenberg

# The Project Gutenberg eBook of Dôr e Luz

This ebook is for the use of anyone anywhere in the United States and most other parts of the world at no cost and with almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included with this ebook or online at [www.gutenberg.org](http://www.gutenberg.org). If you are not located in the United States, you will have to check the laws of the country where you are located before using this eBook.

**Title:** Dôr e Luz

**Author:** Acúrcio Correia da Silva

**Release date:** December 11, 2008 [eBook #27498]

Most recently updated: January 4, 2021

**Language:** Portuguese

**Credits:** Produced by Pedro Saborano. A partir da digitalização disponibilizada pela bibRIA.

\*\*\* START OF THE PROJECT GUTENBERG EBOOK DÔR E LUZ  
\*\*\*

*ACURCIO CORREIA DA SILVA*

*DÔR E LUZ*

*(VERSOS DUM SEMINARISTA)*

*Typ. França Amado  
Coimbra.*

DÔR E LUZ

Acurcio Correia Da Silva

# DÔR E LUZ

(VERSOS DUM SEMINARISTA)

Escritos na primeira quinzena  
de novembro de 1911

COIMBRA

TYPOGRAPHIA FRANÇA AMADO

1912

MEU PÁI,

MINHA MÃE...

Pedindo-vos a benção,  
comovidamente, com lagrimas  
nos olhos, ofereço-vos este  
livrinho—o meu primeiro livro...

ACURCIO.

# CARTA AOS MEUS CONDISCIPULOS

Maio de 1912.

Rapazes.

Estes versos, que agora vos ofereço, repoisam ha cinco menses, no fundo da minha gavêta, misturados com muitos outros, que eu de ha muito para lá venho lançando, como farrapos do meu coração ardente, como pétalas caídas da minha alma de rapaz.

Não contava publica-los, como não conto publicar uma grandissima parte desta versalháda desconéxa, que aqui se me amontôa pelas gavêtas da minha mesinha de estudante, e na qual repousam, adormecidas ou mortas, tantas aspirações ingênuas, tantas ilusões airádas, tantas tristêsas ignoradas, intimas...

Mas nós vamos distanciar-nos, ó rapazes! Vamos para muito longe uns dos outros, e—sei lá!—talvês para sempre. É a obra bemdita da evangelisação social que nos solicita, nos chama.

E já que assim tem de ser, eu queria deixar-vos, antes do apartamento, alguma coisa,—uma recordação—por que mais tarde vos lembrasseis, lá muito ao longe, dêste rapaz trigueiro, desgrenhádo, de faces escavacádas e fundos olhos erradios, que comvosco viveu por aqui a mesma vida, a mesma juventude, as mesmas aspirações de evangelisação e amôr.

Eu queria deixar-vos alguma coisa, ó companheiros, e escolhi para isso estes versos, que, ha menses, no esmorecer doentio e suave do ultimo outôno, dediquei á chorada memoria dum nosso camarada, dum nosso amigo, dum nosso condiscipulo morto...

Foram escritos de um jacto, em momentos de febre dolorosa, em quinze dias de vigília doente, pelas horas tenebrosas em que vós dormíeis, rapazes.

Ai!—quantas vezes, enquanto a pena me escorregava vertiginosa pelo papel, chegavam até mim, soluçantes, fugidías, as plangencias brandas das serenátas doridas, que cantavam lá embaixo, ao pé do Mondego, Estrada-da-Beira alem, o grande, o doloroso funeral das ilusões!

E a pena corria, corria sempre, numa vertigem febril...

Hoje, lendo os meus versos de então, sinto que vibram nêles dois gritos enfeixados, unidos:—um grito de angustia amarga e um grito ardente de esperança.

Eu não sou um pessimista, amigos, porque sou um crente. O pessimismo frio e scético não deve ter cabída nos nossos peitos de Seminaristas. Por isso, nos meus pobres versos não rugem trênos desesperados,—suspiram antifonas de esperança...—Esperança na Luz Divina, na Misericórdia Suprêma.

Porque o mundo confrange-se na Dôr e quase não tem coragem para fitar os Céus, a vêr se lhe sorri a esperança nos olhos tristes de Cristo. Ai!—os mais atormentados são os descritos de Jesus!

Eles, que espedaçaram a Cruz e cuspiram ás faces pálidas do Martir do Calvario o escarro de mil insultos,—cantaram ditirâmbos á Sciencia e beijaram á Razão as pernas fuliginosas das barricadas rebéis. E são êles que proclâmam hoje a realidade da Dôr,—da Dôr condição da vida, sem uma estrêla a fulgir na noite do nosso destino...

«Para qualquer lado que o nosso olhar se dirija,—escreve *um revoltado, o radical Sebastião Faure*,—não se encontra senão dôr... O sofrimento está em toda a parte, visita o castêlo assim como a cabâna, mas apresenta-se sob aspectos que se transformam constantemente, e, através de incessantes migrações,

metamorfosêa-se até ao infinito. A vida não passa de um longo martirio, desde o primeiro vagído da criança até ao ultimo suspiro do moribundo. O tormento prende o berço ao tumulto. A alegria de viver não é mais do que uma frase... Um aborrecimento enorme se apossou da humanidade. O furioso aquilão curva todas as arvores da floresta, desde o carvalho ao canaviál. Da mesma sorte sopra sobre a terra desolada um misto de miseria material, intelectual e moral, que faz inclinar todas as cabêças,—a dos grandes como a dos pequênos, a dos poderosos como a dos fracos, as fronte altivas como as humildes. O martelo do sofrimento, sem nunca parar, esmaga gerações; o cancro da Dôr alastra sobre a Humanidade as suas chagas horriveis.» (Sebastião Faure—*A Dôr Universal*).

Estas palavras, rapazes, são dum atêu, dum revoltado. Expressam perfeitamente, numa cruel amargura, o desalento completo da orgulhosa Razão em face dos sofrimentos da mísera Humanidade. São os homens da Desordem vencidos perante a Dôr.

Pois bem, Seminaristas! Nós,—os filhos da Ordem, os homens brandos da Paz,—somos chamados a derramar nesse cancro universal a luz divina da esperança.

Sabemos de ha muito tempo, antes que os negativistas o proclamassem desesperadamente, angustiosamente, sabemos de ha muito tempo,—porque o Evangelho o diz,—que «a felicidade não é dêste mundo.» Mas sabemos tambem que na alma da Humanidade soará perenemente a musica celeste daquela amoravel promessa de Jesus:—«Bem-aventurados os que choram, porque serão consolados.»

Na verdade, a Humanidade atravessa um estadio doloroso, trágico. Nuvens densas escurecem o céu, e as almas confrangem-se numa penumbra abafadiça, soturna. Esta penumbra é rasgada, a espaços, por clarões lívidos, deslumbrantes, que estonteiam e cegam. Estes lívidos clarões são as cintílas da Sciencia.

Mas estes clarões não bastam. Precisâmos de mais luz,—de luz serêna, benéfica,—para as almas amarguradas.

Acima destas nuvens cortadas dos relampagos das idéas, sacudidas pelo trovão das revoltas,—ha um espaço mais serêno, com horisontes mais largos, com claridades mais vivas, mais serenas, mais tranquilas. Nós queremos esse espaço, buscâmos esse horizonte, desejâmos essa luz...

\*

«Amai-vos uns aos outros como irmãos...»—Foi este o preceito novo, que Jesus impôz aos seus discipulos.

Já que vamos para o mundo, hastêie-se em nossas mãos o lábaro da Paz.

Que os maus praguejem, blasfêmem: que os maus nos amaldiçoem. Que venham sobre nós os insultos e os escarros, as ameaças e a morte! Ergamos nós para o Alto os nossos olhos tranquilos, e sejam as nossas palavras como um orvalho do Céu a refrigerar este vulcão onde as flores da purêza se fânam amarguradamente, desconsoladamente...

Vái florindo a primavera.

Na folhagem enflorada dos castanheiros do *Recreio*, as rôlas cantam suspirosamente a celebração festiva dos misteriosos noivados...

Por esses campos fóra, olháí que festas agrestes, olháí que esteira de flôres...

E é á vista dêste deslumbramento que o mundo se desespêra impiamente, alucinadamente, nos torvelinhos da Dôr...

É que o vicio alastra, e odios rugem surdamente, e o desespero aumenta!

\*

Ó Seminaristas,—ó Seminaristas de Portugal!

Operarios de Jesus, nós devemos ir, mundo alem, a semear nas almas a Paz, a Fé nas inteligencias, o Amor nos corações.

Não odiêmos ninguém. Ninguém!—Porque os que parecem maus não passam, as mais das vêzes, de uns nescios, inconscientes, irresponsáveis.

—Olhai aquêles que passa... Nervôso, cartôlo têzo a escorregar prás sobrancêlhas, bigodeiras repontônas, revirando uns olhitos pardos, de travéz, em ares de superioridade ratôna, para os que o saudam...

É um anti-clerical confêssor e profêssor. Amaldiçôa a *padralháda* com bérros de capádo. Ri de Cristo e arrota *liberdade*. Come bem. Digere bem. Um felizardo, no entanto. Mas ide falhar-lhe em padres... Cáí Troia. Contorce-se, blasfêma, barafusta com acionados de possesso.

Rabisca tropos pelas gazêtas e escrevinha, nas horas vagas, brochuras contra os *jesuitas*...—Quer *esmagar a infame* com Voltaire; com Diderot desejaria *enforçar o ultimo rei nas tripas do ultimo padre*, e com Falstaff beberricar boas pingas e ingerir presuntos. Que êle não conhecerá Voltaire, nem Diderot, nem Falstaff...—Arremeda-os mal.

E afinal, coitado, é um pobre diabo... Um bom rapaz. Adora a mulher e os filhos. Tem coração. Será um imbecil... Será. Mas que temos nós com isso? O mal é dêle. E o ridículo, o peór mal...

*Perdoái-lhes, Senhor, que não sabem o que fazem*...—Ali vái outro,—um torturado de alma. Vive na revolta e para a revolta. Cogita em sedições e sonha com barricádas.

E afinal é um ótimo rapaz, uma bela alma. Mal empregado coração em não se enlevar num ideal de amor! E quantos pelo mundo assim, coitados, quantos...

—Outro que passa... Um operario. Vái negro das forjas, mãos nervúdas em sacudidélas bruscas, a ameaçar. É filho dessa raça obscura, que dá vida, que dá seiva ao mundo em troca de migalhas, em troca da miséria.

Nos seus olhos sangrentos, erradíos, fosforêja o clarão trágico das revoltas vingadôras...

Vamos até êle, ó rapazes. Aos operarios, ó Seminaristas! Dêmos-lhe o ósculo da Paz, num grande abraço de fraternidade, da fraternidade cristã.

Que êles se ajoelhem aos pés da Cruz, do Operario-Deus, do Carpinteiro-Divino. Lancêmos uma gôta de orvalho áquêle desespero ardente...

E êles terão a esperança.

—Outro ainda. Um nulo. Olhai que olhar aquêle... Olhar mortiço, sem expressão, sem vida. É um martir...—martir dos proprios vícios. Assa-lhe as carnes, requeima-lhe o aguádo sangue a febre das luxurias desvairadas, das execráveis torpêzas, das verde-negras abominações.

Não tem um ideal, uma esperança, um norte.

É um morto, coitado...

—E aquelas? Quem são elas que passam saracoteando-se, e olhando para nós com uns tregeitos equívocos de deslavada gaiatice?—São as loureiras. Pobres raparigas, pobres escravas!

Porque elas são escravas. Da *escravatura branca*, que Victor Hugo chora e amaldiçoa.

E lá vão elas, tresloucadas, delambidas, de arcaboços podres desengonçando-se entre chitas baratas, a vender sorrisos, a dizer torpêzas.

Que se lhes ha-de fazer? Enxovalha-las mais? que façam isso os máus. Nós somos discipulos de Jesus.

Jesus, que lia nos corações, porque era Deus, sabia fazer dessa lâma pedras preciosas, dessas larvas dos bordéis fazia Ele anjos castos. Fitando-as com os seus olhos muito tristes, muito tristes e compadecidos, transformava as Madalênas em anjos místicos, purissimos, e as pobres Samaritânas em missionarias do Ceu...

Mas é que Ele era Deus, e lia no fundo das almas, e nascêra de uma Virgem por causa dos pecadôres.

Desgraçada a sociedade em que a mulher se corrompe. É o Amor que desce do seu trôno azul e santo onde Deus o colocára, é o sentimento que se embota e morre, é a alma que rastêja e já não pode alevantar-se ao alto...

E a prostituição corróe tudo!

As virgens da Lusitânia, os anjos de Portugal, as filhas da nossa Raça, já não esperam nem creem no embotado coração dos homens. E vão sentar-se, coitaditas, a chorar, esmorecidas, nas solidões lutuósas, quando se não entregam—ai! quantas vezes...—desvairadamente, ao turbilhonar do vicio, prostituindo-se, perdendo-se!

E o mundo ri, ri de tudo. Da dôr resignada que santifica, do amor santo que perfuma, da crença que anima e salva.

E os vates cantam o vicio, paixões desvairadas, egoismos truculentos, abominaveis luxurias...

E a miseria desalenta os operarios rudes, que passam esfrangalhados, enfarruscados de carvão, descridos, desesperados,

erguendo para os céus os braços cabeludos, em crispções de ameaças.

É a fome, é a peste, é a guerra,—a trindade trágica devastando as almas!

Ó Seminaristas do meu Paíz, ó meus camaradas, meus amigos! —Abrâmos resteadas de esperança nesta caligem da Dôr! Vamos por aí fóra,—corações abertos, almas compadecidas,—a fazer nos desesperados a sementeira do Amor...

Ai quem déra nesta sociedade um banho espiritual da caridade do doce anjo de Assis, daquêl seráfico espêlho do enternecido Jesus...

Ergâmos a Cruz bem alto! Que os homens vejam o Cristo, o Divino Martir, o Deus sofredôr das inenarraveis dôres. E vereis que das suas chagas vermelhas radiarão prás dores sociâis resteadas benditas de esperança, santos perfumes de amor...

*Seminario de Coimbra.*

Vosso do coração

ACURCIO CORREIA DA SILVA.

À CHORADA MEMORIA  
DO MEU BONDOSO AMIGO E CONDISCIPULO

JOAQUIM FERREIRA FAUSTINO

ESTES MEUS VERSOS,  
COM AS MINHAS LAGRIMAS E PERPETUA SAUDADE...

Faustino.

Novembro de 1911.

Nesta quadra tão triste, de uma tristêza tão linda, veio a Morte roubar-te ao nosso convívio, ó amigo, ao nosso curso, ó condiscipulo!

É romântica, de um lirismo infinito e doce, uma morte assim, sob os raios agonisantes dêste sol outoniço...

À noite, sentado á minha mesinha de estudante, depois de estudar as minhas lições (—noites beatíficas; luar e estrelas; paz infinita nos céus e paz nas coisas dormentes...)—pensei em ti. Muita vêz, meu desditoso amigo. E orei pela tua alma...

Depois, a horas mortas, surgiram-me no cérebro escandecido mil impressões dolorosas—como litânias esfarrapadas do folhido agonizante...

O anjo da poesia abriu a áza branca, e deu-me um beijo de febre. E eu cantei...

Os meus versos?—Aqui os tens. São a expressão da vida. Tristes, amargos e tristes, como as antífonas roucas dos mendigos aos portais dos milionários...

Bem sei que tu não os lêes. Ninguém os lerá talvez...

Ou antes, ninguém os lerá senão tu... Que importa?—Hei-de lê-los eu, mais tarde, sosinho, quando já fôr velho (Ai!—se lá chegar...)

Este ramilhetinho de floritas bravias ha-de ter um perfume sempre novo para a minha alma alanceada... E talvez então eu chore, com estes meus olhos míopes, hoje tão secos de febre!

Já não ha luar. Nuvens e chuva... O vento geme lá fóra, ali nos castanheiros (nos nossos castanheiros, ó Faustino!) o *Dies irae* das tempestades eternas...

Ai! o vento...—É bem a expressão formidável do desespero do mundo.

Ao menos eu tenho a paz, a paz bemdita, nesta minha alma ardente, sonhadôra. Bemdito sejas, meu Deus.

É meia noite... Vou rezar por ti.

ACURCIO.

I

# TARDES

Olhai que tardes estas!  
Tardes de outôno, tardes de agonía...  
Começa o novo sôno das florestas...  
Deixái dormir os robles e as giestas,  
Que acordarão um dia.

Lá deslisa o Mondego a murmurar  
As doces melopeias do passado,  
(Que hoje só êle as pode lembrar...)  
—Lendas de antigas moiras a cantar  
Idílios de outras eras, ao luar  
Ou á radiosa luz do sol doirado...  
Lá deslisa o Mondego a murmurar...  
Só podem perceber-lhe as melopeias  
As hervinhas rasteiras e as areias...

Olháí os desgrenhados salgueiráis,  
Curvados a cismar por sobre as águas...  
Parecem trovadôres medieváis,  
Chorando em velhas rimas novas maguas...

Nas cordilheiras pardas e distantes  
Adensam-se uns vapôres transparentes,  
Dourados, luminosos, flutuantes,  
Sobre as carquêjas ásperas, dormentes...

Na poeira luminosa do sol-pôr  
Agacham-se quietinhas, silenciosas,  
Dormindo num beatífico torpôr,  
A casaríá, as arvores, as rosas...

Ha uma indescritível atonía  
Nas vagas tintas que o sol-pôr produz,  
—Como um grande soluço de agonía,  
Que lentamente se tornasse em luz...

Andam no ar acentos vagabundos  
De fados lacrimosos,  
Como endeixas de poetas moribundos,  
Ao luar, pelos êrmos lutuosos...

Olhai que tardes estas...  
Tardes de outôno, tardes de agonía...  
Vái dormir o carvalho das florestas  
Para acordar um dia...

||

## AOS ANJOS DA POESIA!..

Ó anjos da poesia, ó candidas beldades,  
Irmãs dos querubins,—ó núncias do Céu,  
Que me acenáis ao longe, ao fundo das edades,  
Cantando heroicamente as velhas potestades  
Nas cordas triunfais da lira de Tirtêu,  
E soluçando doces, místicas saudades  
Nas cordas pastorís da citara de Orfêu...

Que outróra, celebrando os feitos dos guerreiros  
Em versos festiváis, homéricos, divinos,  
Andastes a cantar plos flóridos outeiros  
Da Grecia sonhadôra, e á sombra dos loureiros,  
Sentadas nos ilhêus dos golfos azulínos;  
E andastes a gravar na casca dos olmeiros  
Uns versos amorosos, brandos, pequeninos...

Que voastes para a Italia, e andastes com Virgilio  
Por sobre o Mar-Egêu, á flôr das ondas lisas;  
E chorastes com êle as lagrimas do exílio;  
E lhe fechastes, morto, o veludíneo cílio  
Daquele olhar, que viu tão largo sem balisas...  
E assististes talvêz ao magico concílio  
Das líricas vestáis, das virgens Pitonísas

Vós que inspirastes Tasso e o formidável Dante,  
Sentado a meditar ao pé das catedrais,  
Levando-o pela mão a vêr a casta amante,  
A cândida Beatriz, que deslisava hiante  
Na trágica mudêz dos giros infernais...  
Falastes com Petrarca á réstea flutuante  
Das noites de luar, das noites medievais...

Que destes alma e vida aos versos de Camões,  
O indómito guerreiro, o excélso trovadôr;  
Que lhe inspirastes doces, trémulas canções,  
Nas grutas orientais, nos êrmos, nas soidões,  
—Canções cheias de fogo e trágicas de dôr;  
Vós que haveis insuflado aos grandes corações  
Os carmes da tragédia e os cânticos do amor...

Ó anjos da poesia, ó candidas beldades,  
De tranças luminosas, loiras como o trigo,  
Que me acenáis ao longe, ao fundo das edades,  
Cantando heroicamente as velhas potestades  
Na cítara de Homéro—o olímpico mendigo...

Eu canto o sofrimento, e as crenças, e as saudades,  
Ó líricas beldades ideáis, sêde comígo...



# JORNADA TRÁGICA

A vida é uma colina  
Cheia de escuras e fragosas sendas,  
E emergindo da tépida neblina  
Das ilusões, dos sonhos e das lendas...

Vinde comigo, ó fêrvidos amantes  
Da Verdade, da Paz, do Bem, da Gloria...  
Vamos subi-la,—heroicos viandantes,  
De olhos fitos nas páginas da Historia...

Ó pálidos poetas desgrenhados,  
Que andáis, á luz do luar,  
A percorrer atalhos ignorados,  
Esfarrapando sônhos, a cantar...

Eu quero vos mostrar serenamente,  
Como um ascéta antigo, solitario,  
A perspetiva ingente  
Da vida—este Calvario...

**IV**

# OS MISERAVEIS

Tendes olhos de vêr. Olhai...—Ao fundo,  
Nas bôcas tenebrosas das cavernas,  
Não vislumbráis um turbilhão imundo  
De larvas, num grasnído gemebundo  
Feito de raiva e maldições eternas?

—São os ladrões, ferozes valdevinos,  
Cujo instinto são odios e sangueiras!  
Alta noite, os seus olhos de assassinos  
Fosforêjam bravíos, réptilínos,  
Entre as sarças das velhas carvalheiras...

Pelas trevas, ao som dos temporáís,  
Quando os ventos ululam nas florestas,  
Vão agrupar-se ás portas dos casáís,  
Afiando os mortíferos punháís,  
Coçando-os pelas mãos nervosas, lestras...

—São também vagabundos,—os cigânos,  
De barbaças intonsas e nojentas,  
Esguedelhados, rôtos e marrânos,  
De testa cancerosa envolta em pânos,  
Escorrendo materias fedorentas...

Coitados! Em magótes pelas praças,  
Para colher esmolas miseráveis,  
Esbracêjam ridículas negaças  
E rouquêjam exóticas chalaças,  
Retorcendo as bocárras execráveis...

Pobres cigânos! De olhos estoirados,  
Pernas pôdres e faces caboucádas,  
Lá vão a correr mundo, atormentados,  
De estômago vasío e pés pisados  
Dos duros pedregulhos das estradas...

São inda as torturadas das rameiras,  
As pobres raparigas sem pudôr,  
Que se espojam nas frígidas lameiras,  
Ao sol, á chuva, ás rijas ventaneiras,  
Sem alma, sem destino, sem amor!

São míseros farrapos encharcados  
No lôdo da torpêza vermináda!  
Ah! homens, egoistas derrancados!  
E ainda vos julgáis civilisados,  
Ó luxuriosa, estúpida manáda!

Não lastimáis as pobres meretrizes,  
Que andam na lâma, a chafurdar de rôjo?  
Chamáí á dignidade as infelizes!

—Ó rapazes, tapêmos os narizes;  
Sigâmos para cima. Isto faz nôjo!

**v**

# OS REBELÁDOS

Quedái-vos. Escutái... Eu oiço (ao certo!)  
Rugídos formidaveis,  
Quáis se o Inferno se abrisse aqui perto  
E vomitasse do bocal aberto  
O brádo dos tormentos infindáveis...

Já sei, já sei...—É a estranha turba-multa  
Dos homens revoltados,  
Que salta, brâme, despedaça, insulta,  
Como uma formidável catapulta  
Feita de homens bravios, desvairados...

São revolucionarios contorcidos  
Em grossos turbilhões,  
De olhos raivósos, trágicos, ardidos,  
Agitando no ar balsões erguidos  
Ao sol sangrento das rebeliões.

Filhos do odio, filhos da desgraça,  
Não têm amor nem esperança!  
Esguedelhados, negros, pela praça,  
Rangendo os dentes, gritam a quem passa:  
—Vingança, só vingança, só vingança!

Deixa-los trovejar pelos outeiros...  
Oh! Deus lhes mande a paz!

Subamos mais acima, ó companheiros...  
(Outôno...—Olhái que lindo tempo faz...)

**VI**

# CAVADORES

Ao longe—vêdes?—os cavadôres,  
Filhos do campo, filhos da leiva,  
De olhos escuros e cismadores,  
Olhos ingênuos de trovadôres...  
—Cantam os campos, cantam as flores,  
Cantam a seiva...

Por horas mortas (céu estrelado...)  
Eles lá vão  
Lavar a terra, guiar o arado,  
De olhar bondoso e resignado  
Posto nos olhos do manso gado,  
Posto no chão...

Vem as chuvádas, as inverneiras;  
Rugem os rios, incham ribeiras;  
Alagam campos, alagam leiras...  
Vêde a desgraça!  
Que ha-de êle fazer?—De olhar dorído,  
Mal almoçado, peor vestido,  
Senta-se á porta, esmorecido,  
A vêr quem passa...

Vem o calôr do sol doirado  
Queimar-lhe o pão!

Que ha-de êle fazer, o desgraçado  
Do lavradôr?—Vai pró eirado,  
De aspéto triste, de olhar pasmado,  
Cismar na vida, descorçoado,  
Queixo na mão...

Estála a guerra; levam-lhe o filho.  
Crescem os ratos, trincam-lhe o milho...  
—Oh! forte praga de ratazânas!—  
Branquêja a neve, ruge a nortada...  
Lá vái a telha desmantelada  
Das alpendrádas mais das choupânas!

Ouvide ainda maior desgraça...  
Tinha uma filha,—que doce graça  
De rapariga...  
Nas largas noites, junto á fogueira,  
Lume bemdito sobre a lareira,  
Ela fiava (gentil fiandeira...)  
O linho branco da sua estriga...

Até ao tardo cantar do galo  
—Não imaginam,—era um regálo  
O pái velhinho vê-la fiar...  
Rufam chuveiros fortes lá fóra...  
(Ai! Anjo Bento, Nossa Senhora  
Seja c'os que andam a esta hora  
Sobl'as aguas turbas do mar!)

Ela era a vida da sua vida;  
Ela era o lume do seu olhar,  
—Lume bemdito que n'alma brilha.  
Como êle lhe queria—rôla querida  
Nem temos nada que admirar,  
Porque era filha...

Mas sucedêu que em certo dia  
(Dia aziágo... Ele nem podia  
Pensar em tal de olhos enxutos!)  
Passou por lá um rapazão...  
(Grande patife! Grande ladrão!)  
Leva-lhe a sua consolação:  
Rouba-lhe a filha, e em troca então  
Deixou-lhe a dôr,—só dôr e lutos!

Malditos sejam os valdevinos  
Que andam as jovens a desonrar!  
Santos velhinhos, boas famílias,  
Guardái dos lobos as vossas filhas  
Dentro do lar...

Vêde a desgraça enorme e crua  
Do paciente do lavrador!  
—Triste batalha!—  
Que ha-de êle fazer? Que vida a sua!  
Que ha-de êle fazer na sua dôr?!  
O Pái-do-Céu o ajude e valha...

Bons lavradôres! Chorando ou rindo,  
Dizem que vida assim não ha...

Vamos, rapazes, vamos subindo;  
Deixái-os lá...

**VII**

# OS MENDÍGOS

Sentados pelas orlas dos caminhos,  
Olháí os lacrimosos pobresinhos...  
Doentes, velhos, rôtos, corcovados,  
Alforges para os ombros, resignados,  
Pernas sêcas, cambáias, retorcídas,  
Contando-se uns aos outros suas vidas,  
—Olháí que inegalaveis odissêas...

Aquelas engelhadas caras feias,  
Escaveirádas, sujas, com barbáça,  
Contráem-se num *rictus* de desgraça  
Riscado pelo dêdo da miseria...  
Sob a abóbada azul, celeste, etéria,  
Sem palacios, sem camas, sem pousadas,  
Desde o sol-posto á luz das alvorádas,  
Percorrem varias terras a pedir  
Côdeas de pão...

    Á noite vão dormir  
Sobre a palha dos velhos alpendráis,  
Juntamente cos ratos e os pardáis,  
E cos escrofulosos canzarrões  
(Expulsos da cosinha plos patrões)  
Repartindo com êles das esmolos,  
Que tiram lentamente das sacolas...  
E comem de uma vêz jantar e ceia...

Ainda assim vós não fazeis idéa  
Como êles são felizes, os mendigos...

No estio vão deitar-se pelos trigos,  
De bandulhos pró ar, a meditar  
Nas velhas aventuras, ao luar,  
Dos tempos da bizárria mocidade,  
De que inda têm uns restos de saudade...  
Rastêjam pela terra as salamandras;  
Chilreiam delambidas as calhandras,  
Picando por alí o loiro grão...  
Que pacífica, ideal consolação  
A existencia dêles descuidada:  
—Pedir, rezar, comer, dormir... Mais nada.  
Tardes mornas...

As nuvens, pelo azul,  
São flotilhas, que vogam para o sul,  
Em demanda das Índias encantadas  
Onde vivem serêias, silfos, fadas...

No outôno, passam líricas manhans  
Ferrando os dentes pôdres nas maçans;  
E em tardes murmurosas vão-se pôr  
Nos êrmos, murmurando com fervôr  
As perfumadas orações antigas  
Ensinadas plas mães (pobres mendígas,  
Que o bom Deus desde ha muito já lá tem...)  
Oh! Nunca esquecem orações de mãe...

Chilrêiam cotovias nos valádos...  
Nas largas noites invernais, coitados,  
É que êles sofrem gêlos e frieiras!

Por horas mortas, quando as ventaneiras  
Lhes fogem cos colmados das cabânas,  
Abandonam a enxérga das choupânas,  
E vão-se recostar pelos portais  
Aonde o frio os mortifica mais!  
O vento ulúla rouquidões e pragas...

Andam no ar escuridões preságas,  
Que põem calafrios na espinha...  
Maldita chuva!—Quanto mais se aninha  
O pobresinho, mais se ensópa e alága!  
Ó santa primavera, Deus te traga...

Primavera! Que tardes deleitosas  
Andam no ar ondulações radiosas,  
Exalações miríficas das flores...

Que perfusão esplendida de côres  
E os pobres, pelas tardes perfumosas,  
Corôam-se de mirtos e de rosas,  
E atafulham de rosas a sacóla...  
Santa abundancia, abençoada esmola  
A tua, ó primavéra do Senhor...

—Alvorada de rosas e de amôr...

**VIII**

# OS POETAS

Acima companheiros!  
Alegres como airádas borbolêtas,  
Visitêmos os pálidos poetas,  
Que andam a cismar entre os loureiros...

Seu vulto aos céus se alteia...  
Vêde-os, rapazes, vêde-os...—São aquêles  
De olhar ardente!—Vêde-os, como êles  
Trazem nos olhos o clarão da idéa!

Nas faces desmaiádas  
Veem-se indícios da vigília estóica,  
Que passam a cantar em rima heroica  
As antigas batalhas porfiádas...

Seus olhos amoraveis  
Andam tristes, vermelhos de chorar,  
Em noites silenciosas, ao luar,  
As desgraças dos povos miseráveis...

Espíritos do bem,  
«*Almas de fogo, que um vil mundo encerra*»

Como os denominou quem foi na terra  
Entre os maiores trovadôr também...

Ó pálidos poetas,  
Eu vos saúdo, ó almas desditosas,  
Cantôres das batalhas ou das rosas,  
Coroádos de lauréis ou de violêtas...

**IX**

# O TUBERCULOSO

Alem, sentado á sombra das ramadas,  
No musgo dum rochêdo,  
Cisma um joven de faces desmaiádas  
Tão magro que põe medo...

É o tísico. Nos olhos encovados,  
Dorídos de sofrer,  
Vê-se a resignação dos desgraçados  
Cançados de viver...

Sussurra a aragem fría pelas heras  
Um canto gemebundo,  
Como a musica etéria das Esféras  
Nos ámbitos do mundo...

Caem as folhas mortas, retorcidas,  
Revelhas pela relva;  
E as avesinhas calam-se, transídas  
De frio, pela selva...

Desmaia ao longe o sol...—Que tardes estas  
De maguas tão profundas!

Andam no ar exalações funestas  
Das rosas moribundas...

Coas chuvas engrossaram as ribeiras.  
Lá passam a gemer,  
Levando os esqueletos das roseiras,  
Que acabam de morrer...

Erguem-se ao ar as ramas desnudadas  
Das arvores agrestes;  
E as aves vão piar desconsoladas  
À sombra dos ciprestes...

Os ciprestes!—Só êles com o inverno  
Não perdem o vigôr...  
Bem mostram que no mundo é sempiterno  
O sofrimento,—a Dôr!

A tosse (ei-lo a tossir!) rasga-lhe o peito  
Em bruscas convulsões,  
Arrancando-lhe o sangue já desfeito  
Dos putridos pulmões!

A infancia, a mocidade...—esperanças mortas...  
Como isso já lá vái!  
Assim expiram ilusões absortas  
No hálito dum aí!...

Pobre tísico!—Os olhos encovados,  
Dorídos de sofrer,  
Fitam as coisas, brandos, resignados,  
Dispostos a morrer...

**X**

# ORFÃOSINHOS

Crianças—olhai-as—perto,  
Desmaiaditas a rir...  
Nos olhos um céu aberto,  
Nos lábios rosas a abrir...

Não têm mãe, não têm lume.  
Sua lareira é o caminho,  
—Como ninhadita implume,  
Morta a mãe longe do ninho.

Crianças que não têm lar  
Onde o carinho reluz  
Nunca aprenderão a amar,  
—São como as rosas sem luz...

Oiço dizer que as crianças  
(Anjos de olhar manso e puro...)  
São chilreantes esp'ranças  
Dum deslumbrante futuro...

Mas estas, que a rua cria,  
Magrizélas, definhadas,

—Quem me assegura que um dia  
Não hão-de ser desgraçadas?

Crianças órfãos, sem mãe,  
Já nascem com sua cruz,  
Como nasceu em Belem  
O Deus Menino, Jesus...

—«São rosas a abrir mimosas  
As criancinhas...»—Pois sim!  
Só se nós chamarmos rosas  
Às florinhas do alecrim...

**XI**

# NOIVOS

Alem cismam dois noivos,  
Fitando ao longe a curva azul do céu  
Cuns olhos muito tristes, como goivos  
Á flôr duma ilusão que já morreu...

Quem pode advinhar  
As coisas em que cismam, que misterio?  
—Pensam na nostalgia do luar,  
Beijocando os rosáis do cemiterio...

Ouvide:—Ela, a sorrir,  
Pergunta com brandura:

«Quem primeiro de nós irá dormir  
Naquela sepultura?...»

**XII**

# O BOÉMIO

Cái sobre as coisas um luar de prata,  
Luar bemdito, que enlanguesce, enleia...  
Vem ao longe uma airáda serenáta,  
Soluçando uma antiga melopeia...

Lá vem o tocadôr. É um vádio,  
De guitarra chorosa ao tiracólo...  
Passa as noites cantando pelo frio  
Cantigas de saudade e desconsolo...

É um boémio, dos parias desgraçados,  
De olhos profundos, vagos, erradíós  
Que vivem a cantar pelos eirados,  
E morrem afogados pelos rios...

É déssa raça antiga, vagabunda,  
Que atravessava todas as nações  
Composta de uma incrível barafunda  
De cómicos, mendigos e ladrões...

Ei-lo,—o rebento déssas raças mortas,  
(Esparge-se o luar na solidão...)

Cantarolando á lua, pelas portas,  
Cantigas de saudade e de paixão...

**XIII**

## NOIVA MORTA...

*Num sôno angustioso, eu vi  
passar por entre as oliveiras  
desoladas um caixão branco, com  
muitas fitas rôxas...*

*Era ao sol-posto. Pelo ceu, uns  
farrapitos de nuvens, roxeádas  
pelo sol agonisante, pareciam  
goivos sepulcráis a desfolharem-  
se amarguradamente,  
desconsoladamente...*

*Atraz do caixão carpiam-se  
muitas virgens, vestidas de luto,  
olhos ardidos pelas lagrimas...*

*E eu disse para as virgens:*

Ó virgens, quem é aquela  
Que levam prá sepultura?  
Virgens, virgens! Quem é ela,  
Tão nova e tão sem-ventura?!

*E as virgens, desgrenhadas,  
lacrimosamente responderam-me:*

É a linda morgadinha,  
Que levam a enterrar...  
Morreu ontem, á noitinha,  
Ao despontar do luar...

Era a mais rica e mais bela,  
Mais enleváda de amor;  
E morrêu... Que sorte a déla!  
Não faz idéa, senhor...

De que valeu ser tão cheia  
De inteligencia e belêza?!  
Chora tudo lá na aldeia:  
Que tristêza! Que tristêza...

Cismava nos áureos planos  
Do seu proximo noivádo:  
E fêz só dezoito ânos  
Pelo setembro passado...

Mais infeliz nunca vi!  
Em vez de noivar, morreu...  
O bom Deus quí-la pra Si:  
Levou-a da terra ao Céu.

Ela era o anjo da graça,  
Sempre a sorrir e a cantar...

Tudo passa! tudo passa...  
Morreu!—Deixái-nos chorar.

Em noites de escamisádas,  
Que se faziam pla aldeia,  
Soltava canções airádas,  
Ao clarão da lua cheia...

Tardes mornas de novênas,  
Quando íamos enflorádas,  
Como irisádas falênas,  
Como rôlas desvairádas...

Ela era a flôr da alegria,  
Bôca rubra, olhar de luz...  
Roubou-a a morte sombría!  
Roubou-a... Jesus! Jesus!

Chorái, ó brancas falênas;  
Chorái, brisas murmurosas;  
Chorái, ó rôlas serênas;  
Chorái, relvas; chorái rosas...

De que nos vale a belêza,  
Que a Morte pode roubar?!  
Ai!—que vida, que tristêza.  
É só penar, só penar!

*E eu, muito comovido, muito  
triste, disse às virgens, com  
lágrimas na vóz:*

Tendes razão, raparigas...  
Que valem sonhos, encantos,  
Loucas ilusões antigas?...

Tudo se desfáz em prantos!

Aquela tenra floríta,  
Desfolhada pela morte...  
—Não lhe choreis a desdita.  
Não pranteêis sua sorte...

Pois, donzelas, quem nos diz  
A nós—corações airádos,  
Que ela não foi a feliz,  
E nós os desventurados?...

Pois, afinal, esta vida,  
Mesmo á luz ideal do amôr,  
Sempre incerta e combalída,  
—O que é ela, senão dôr?!

Uma tristêza mortal  
Repassa as nossas folganças...

Ai! cachópas, ai! crianças,  
Nem é bom falar em tal...

Quando ides prás romarias,  
Entre murtas e alamêdas,  
Como doidas cotovías,  
Chilreando airádas, lêdas,

Não pensáis nesta agonía,  
Que nos punge o coração...  
—Levais a alma irradiá,  
Céguínha pla ilusão...

Mas á noite, junto ao leito,  
Cismáis, á luz do luar,  
Em tanto sonho desfeito...

E desatáis a chorar!

A vida é uma dôr infinda!  
Por isso eu vos digo a vós  
Que essa defunta tão linda  
Foi mais feliz do que nós...

É déla a paz celestial.  
(Olháí que faces de arcanjo...)

Morrêu santa, virginal,  
Santa e pura como um anjo

\*

Ó tísicas lacrimosas,  
Que á tardinha, a passear,  
Sfalfadítas de chorar,  
Dizeis queixumes ás rosas...

Tendes saudades da vida?  
Para quê?—Não vale a pêne...  
Gozarêis a paz querida  
Da celeste luz serêna...

E o luar irá beijar  
As vossas campas musgosas.  
Que dôce amigo o luar,  
Ó tísicas lacrimosas...

\*

E vós, cachópas, que assim  
Pranteáis a que morreu,  
Não solucêis, porque enfim  
Ela é um anjo no Céu...

E olháí:—se a desônra um dia  
Vos tem de vir, (Vossa mãe  
Morreria de agonia...)  
—Mais vale morrêrdes tambem

*E as virgens, acenando-me um  
adeus, sufocádas pelas lagrimas,  
lá foram seguindo o caixão, como  
anjos do desespero, soluçando  
em câoro:*

Chorái, ó rôlas serênas;  
Chorái, brisas murmurosas;  
Chorái, ó brancas falênas;  
Chorái, relvas; chorái, rosas...

Chorái, estrelas cadentes  
Como lágrimas de luz...  
Chorái, ó aguas correntes...

Ai! Jesus! Jesus! Jesus!

**XIV**

## O DOIDO

Olháí ao longe os hervaçais distantes,  
Vereis uma figura desvairáda,  
Esbracejando rábida na estrada  
Com maneiras sinistras, delirantes...

É um louco enrodilhádo em panos rôtos,  
Que anda por aí fugído aos manicómios:  
Tem fome; vái, por isso, aos gafanhôtos,  
E, se os encontra, apânha-os e cóme-os.

Irôso, magro, sujo, esguedelhádo,  
Passando a urrar por entre as oliveiras,  
É a relíquia talvez dum revoltado,  
Que prégoou sedições pelas ladeiras...

Vêde-o... De olhos bravios e sangrentos,  
De mão crispáda para os céus erguída,  
—É bem a sombra trágica da vida,  
Que vaga pelo mundo, a passos lentos...

Quando na râma ulúlam ventaneiras,  
E a chuva tamboríla nas vidráças,

Passeia, em noite escura, pelas ladeiras,  
Profetizando trágicas desgraças...

Vagueia pelo campo, a horas-mortas,  
E a adormece nas encruzilhadas,  
Quando os sapos, de negras pernas tortas,  
Rastêjam pelas rosas orvalhadas...

Convive com fantasmas vagabundos,  
Entre as sombras dos altos carvalhais...  
Por isso sabe os mistérios profundos  
Dos sombrios destinos dos mortais...

E há quem o visse, em horas tormentosas,  
Ao lívido clarão das trovoadas,  
Sentado sobre as rochas alterosas,  
De longas cabeleiras desgrenhadas...

Vai passear de noite ao cemitério  
A trautear umas toadas lentas,  
Como se um velho vínculo funério  
O prendesse às ossadas fedorentas...

Se acaso os sinos dobram a defuntos,  
O doido rompe em fundo soluçar,  
Resmungando nuns místicos assuntos,  
Que acabam num raivoso praguejar.

É amigo dos bichos e das rosas...  
De manhã vái colhê-las orvalhadas,  
E ajunta-as num monte, ás chapeládas,  
Como se fossem pedras preciosas...

Como vêdes, seu rosto é negro, horrífico!  
No verão, quando o sol arde nas ladeiras,  
Vai-se deitar nas cálidas torreiras,  
E adormece num sôno beatífico...

Para fugir aos negros manicómios,  
Esconde-se nos humidos esgôtos;  
Se tem fome, procura gafanhôtos,  
Apanha-os e cóme-os...

**XV**

# OS FILÓSOFOFOS

É tempo de seguirmos para cima,  
Rapazes; vamos lá:  
Que o tempo é um tesôiro que se estima,  
Pois é pra isso que o bom Deus o dá.

De olhos profundos, a fitar o chão,  
E quêdos, quais bramânicos teósofos,  
Ha uns vultos alí, na solidão,  
Imersos em letál meditação...  
Olhai,—são os philosophos.

Os rostos sêcos, magros de cismar,  
Cobrem-nos sórdidas barbáças feias;  
Vê-se nos olhos fúlgidos brilhar  
O fogo das idéas...

Pla estrada da nevoenta antiguidade  
Vem já de muito longe essa legião,  
Escoadrinhando com sofreguidão  
O rastro da Verdade...

No céu da Grecia antiga,—azul, profundo,  
Cintíla com olímpico clarão

A triade infindavel da Razão,  
Iluminando os ângulos do mundo:

—Aristóteles, Sócrates, Platão...

Esses genios enormes, admiraveis,  
Esses homens de fundos olhos virgens,  
Empregáram esforços formidáveis  
Por descobrir os Fins mais as Origens...

E algo êles fizeram com efeito:  
—Legáram-nos a nós muitas verdades,  
Como grânulos de oiro imperfeito,  
Refulgindo na noite das Edades...

Nêsse tempo, porem, não viéra ainda  
Do misterioso Empireo esse clarão  
Pedido tantas vêzes por Platão:  
—A voz de Deus com a Verdade infinda  
Que rompesse as calígens da Razão...

.....  
Olháe-os hoje ainda...—Olhos erráticos,  
Fitos não sei em que visões distantes,  
Parecem velhos ermitães lunáticos,  
Leitôres de alfarrábios esquipáticos,  
Sepultos na poeira das estantes...

Surge agora a grandíssima questão,  
Que êles (coitados...) querem resolver  
Depressa, quanto antes,—bem ou mal...  
É a questão do nosso coração,  
Dêste vago e nostálgico sofrêr  
Que êles designam *Dôr Universal*...

Este mal,—esta dôr, este martirio,  
Pertence essencialmente ao coração  
Como pertence às pétalas do lírio  
Aquele côr tão linda de paixão...

Porem não acreditam, e pretendem  
Que o homem, de nascença, é imaculado  
Como as viçosas pétalas, que estendem  
As açucênas para o sol doirado...

E assim andam tentando realizar  
Cá sobre a terra a plêna felicidade,  
Pondo o homem na peânha dum altar,  
Fazendo dêle uma *áuto-divindade*...

E o mundo, no mais vil materialismo,  
Desfaz-se numa infanda corrupção,  
E, guiado pela rédea do Egoísmo,  
Precipíta-se no fundo dum abismo  
Onde arde um cataclismo,  
Onde rouquêja a fulva sedição!

E passa á flor das coisas a gemer  
—Qual bocêjo de quem acórda tarde—  
O tédio geniál de Schopenhauer,  
O imenso pessimismo de Leopárdi...

De olhos profundos, a fitar o chão,  
Esfíngicos como índicos teósofos,  
Olhái os cismadôres da soidão,  
Em filosófica meditação...

Coitados dos filósofos!

**XVI**

## FIGURAS ANTIGAS

Mais dois passos acima, só dois passos,  
E atingirêmos a região querida  
Onde palpita já, sob os espaços,  
A luz da eterna vida...

Aplainam-se de rosas os caminhos  
Á luz dum sol mais vivo e triunfal;  
Como que ouvímos musicas de ninhos  
Nas franças do sarça!...

Ha uma paz bemdita, religiosa,  
Nesta zôna altaneira da colína...  
Que esplendida paisagem magestosa  
Coa vista se domina...

Passam ao longe as sombras vagarósas  
Dos domador's dos póvos e dos p'rigos,  
Erguendo-se das páginas nublósas  
Dos *chrónicons* antigos...

Vêde-os... Guerreiros e legisladôres,  
Caudilhos triunfáis das velhas raças,

Olhando para o mundo, ameaçadores,  
De níveas barbaças...

Moisés—esse gigante—ao longe, olhai,  
(Aspéto decidído, audáz, profundo...)  
Das cristas chamejantes do Sinái  
Falando para o mundo.

Em duas pedras ergue a Lei impréssa,  
Apregoando-a irádo, trovejante!  
Os relâmpagos nimbam-lhe a cabeça  
Num halo deslumbrante...

—Avante para a vida, para a glória,  
De encontro aos Filistêus, aos Moabitas  
E acendem-se na esperança da vitória  
Os seus Israelítas...

E em marcha heróica, triunfal, radiosa,  
Pisando os areáis, eles lá vão  
Em demanda da terra pampanósa  
Da santa Promissão...

**XVII**

# EVOCAÇÕES...

Eu vislumbro uns estranhos personagens,  
Arrastando umas rusticas roupêtas  
Por sob os toldos verdes das folhagens..  
Olhai... São os Profétas.

Morreram já ha muito, escalavrados  
Pelas fomes e austeras penitencias  
Nos desértos, plos cardos dos valádos,  
Ao frio, á chuva e ás tórridas ardências.

Fitái-os—De cabêlos desgrenhados  
E grandes barbas brancas, luzidías,  
Bracêjam pelos cêrros, inspirados  
Plo sôpro geniál das profecias...

É o velho Jeremias, lastimando,  
Nos pláinos verdoengos de Siquêm,  
O insondável abismo formidando  
Onde vê mergulhar Jerusalém!

Ai!—Na sua lamúria contristáda,  
Lamúria de tristêza, de desgosto,

E bem toda uma Raça desgraçada,  
Que chora o seu *sol-posto*...

\*

Ó líricas aldeias da Judéa,  
Ó rusticos trigáis de Zabulom,  
Ó arvores floráis da Galiléa,  
Ó aguas murmurossas do Sarom...

—Ó aldeias humildes, aninhadas  
Nas encostas, por entre os palmeiráis,  
Que adormecêis em horas repousadas  
Sob o luar das noites orientáis...

—Ó trigáis lourejantes, ondulados  
Pelas tépidas brisas perfumosas,  
Que passam, beijocando nos valados  
As corólas balsâmicas das rosas...

Ó arvores escuras, sussurrantes...  
Ó airosas e múrmuras palmeiras,  
Que dáis sombra aos cansados viandantes  
Roidos das poeiras...

Ó aguas do Jordão, aguas sagradas,  
Que roláis sobre a areia, *léz-a-léz*,

Suspirando umas místicas baládas  
Do tempo de Moisés...

—Ó coisas orientáis...  
Ó brancas pombas que arroláis tão bem,  
Ó hêrtos, ó jardins, ó oliváis,  
Ó lírios de Belem!

Eu quero ouvir as lástimas antigas  
Dos Juizes, dos Reis mais dos Profétas  
De longas barbas brancas como estrigas,  
De olhos pisados, roxos quáis violêtas...

Contái-me essas antigas penitencias,  
Essas heróicas orações estrânhas,  
Que murmuravam sobre as eminencias  
Das ásperas montânhas...

Cantái-me as melopeias contristádas  
Das cândidas mulheres bibliáis,  
Quando iam, ao clarão das alvorádas,  
Prá ceifa dos trigáis...

Falái-me dessa Virgem toda luz,  
Da mística alegria dessa Mãe,  
Quando em seus braços recebêu Jesus  
Na Lápa de Belém...

Falái-me dos grosseiros sacerdótes,  
Dos magros e barbudos Farisêus,  
E desse esgrouviádo Escariotes,  
Que ousôu traír um Deus!

Falái-me de Jesus e seus martírios,  
Do seu ultimo gesto de perdão,  
Ó aguas do Jordão,  
Ó urzes do Calvário, ó roxos lirios...

**XVIII**

# AO PE DA LUZ

Subímos o montículo da Vida...  
Somos chegados. Parêmos.  
Descubrí-vos, rapazes, e ajoelhêmos  
Ante a Cruz alem erguida...

Envolta numa auréola luminosa,  
No tôpo da existencia, ergue-se a Cruz:  
—Tribúna inegalavel, magestosa,  
De onde nos fala Jesus...

Cercam-na as almas místicas dos crentes  
Num circulo de prantos e orações;  
Sobre as rosas astráis dos corações  
Vêm os anjos curvar-se reverentes...

Corações, que são rosas redolentes  
Abertas nos jardins das solidões,  
Sob o influxo das doces radiações  
Dos olhos de Jesus meigos e ardentes.

Ó santas almas bem-aventuradas,  
Aos pés chagosos de Jesus prostradas,  
Dái-me um logar humilde ao vosso lado...

Ando a correr a via dolorosa  
Do mundo, deste mundo desgraçado,  
Que me tortura a alma suspirosa...

\*

Rapazes! Que encontrastes vós no mundo,  
Senão desgostos, lágrimas, saudade?...

Ha um cancro antiquissimo e profundo.  
Que rói a Humanidade...

Esse cancro nojento, pustulôso,  
Esse herpe roedôr e mal curado,  
De onde escorre um pus negro, venenôso,  
—É o cancro do Pecádo!

Esse cancro maldito dá vertigens!  
Alastra pela praça, pelos lares;  
Corrói as carnes lácteas das virgens,  
E cria os lupanares!

Agácha-se nos leitos conjugáis;  
E açulando odientos vitupérios,  
Desváira, céga, os corações leáis  
E faz os adultérios!

Desenvolvendo instintos de cobíça,  
Instintos indomáveis, máus, ferínos,  
Reprime e calca o Bem, céga a Justiça,  
E forma os assassinos!

Desváira as corrompídas gerações,  
E, derrancando odios pelas terras,  
Lança os povos nas bruscas sedições:  
Fomenta e acende as guerras!

Cancro que é o Mal, é o vicio, é o odio, é o fel,  
Fervendo sob o disco azul dos céus...  
É o filho prediléto de Lusbél,  
De garras encrespadas contra Deus!

Dêle nasce este pélago de dôres,  
Este indeciso mal-estar geral,  
Que os mil e um profanos pensadôres  
Hão designado—*Dôr Universal!*...

Ninguém acha o remedio, ó Deus, ninguém!

.....  
Ó meus amigos, ajoelhái e ouvi:  
Remedio deste mal só Deus o tem...  
Olhái a Cruz, olhái...—Reside alí.

Alí, naquêlê Cristo ensanguentado,  
De chagas rubras como rosas vivas,  
Erguendo ao alto o rosto escalavrado,  
Lançando aos homens vistas compassivas...

Alí, naquêlê Cristo moribundo,  
Pregado nos braçáis daquela Cruz,  
Abrindo o coração sangrento ao mundo,  
Em labarédas místicas de luz...

Alí, naquêlê Cristo de olhos virgens  
Fitos nos longes vêrdes da devêza  
Mergulhada nas hórridas calígens  
Da formidável dôr da Naturêza...

\*

Ó pombas de Belêm, voái em bando...  
Espedaçái os corações de dôr  
Á vista do misterio formidando  
Da morte do Senhor!  
Ó pombas de Belém, voái em bando...

Chorái, ó violêtas de Jessé;  
Chorái, ó madresilvas, ó martírios;  
Chorái, ó roseiráis de Nazaré;

Chorái, ó palmeiráis; chorái, ó lírios!  
Chorái, ó violêtas de Jessé...

Chorái, ó almas bíblicas, antigas...  
Ó sombras dos Juizes, dos Profétas;  
Ó noivas a cismar entre as espigas,  
Pisando as relvas vêrdes e as violêtas!  
Chorái, ó almas bíblicas, antigas...

\*

Eu queria soluçar em verso brando  
O martirio sem nome, formidando,  
Do bom Jesus,—do Deus e Senhor nosso...  
Para chorar suplicio tão feríno  
Eu queria ter um estro ideal, divino...  
Queria... Mas não posso!

**XIX**

# ORAÇÃO

Já que atingímos a mansão da Luz,  
Prostrêmo-nos a orar ante Jesus...

\*

Ó Criadôr das estrêlas,  
Que fulgem plo céu alem!  
Fizeste coisas tão bêlas,  
—Faze-nos santos tambem...

Indescritíveis torturas  
Lancínam os corações!  
Pois estes são sepulturas  
De mil mortas ilusões...

Tuas bênçãos perfumadas  
São para os nossos martirios  
Qual rócio das alvorádas  
Prás urnas rôxas dos lírios...

Minha pobre alma de poeta  
A Ti se acólhe, Jesus...  
Como airáda borbolêta,  
Fujo das Trevas prá Luz...

Das tuas chagas, meu Bem,  
Pende a minha imensa esp'rança,  
Como de uns beijos de mãe  
Pende a vida da criança...

Ha uma dôr infinita  
Na alma da Humanidade:  
Pois o mundo hoje gravíta  
Entre a dôr e a impiedade!...

Quem podéra, oh!—quem podéra,  
Sob o céu azul, profundo,  
Vêr florir a primavéra  
Da crença geral no mundo...

Faze Tu, ó Deus clemente,  
(Basta só um teu olhar...)  
De cada homem um crente,  
De cada peito um altar...

Pois não fizeste as estrélas,  
Que palpítam, ceu além?...

Se fazes coisas tão belas,  
Faze-nos santos tambem...

**XX**

## EM PAZ...

E tu, ó meu bom amigo  
Das agras lides do estudo,  
Foste em busca de outro abrigo  
—Para ti findou-se tudo!

Finda-se tudo no mundo  
Prás almas santas, louças,  
Que ao Misterio azul, profundo,  
Vão pedir outras manhãs...

Fugiste da noite escura  
Prá célica luz viváz!  
Descança na sepultura,  
Amigo, descança em paz.

Olha as folhas a caír  
Dos carvalhos desoládos:  
Vái a Natúra dormir  
Sob os gêlos branqueados...

Pelas noites de inverneira  
Has-de ouvir, na terra fria,

Os mugidos de agonía,  
Que soluça a ventanêira...

E em noites de serenáda.  
As humanas ilusões  
Hão-de cantar á toada  
Dos bandolins e violões...

Como leite a flutuar  
No sôno doce das coisas,  
Cairá brando o luar  
Sobre a tristêza das loisas...

Ouvirás ao longe o brado  
Das serraníhas cantadas  
No luar de algum eirádo,  
Ao chorar das guitarrádas...

É o sônho da vida airáda,  
O brando sônho fugaz...  
Mas tu, ó meu camaráda,  
Deixa-os lá...—Descança em paz!

FIM

# ÍNDICE

Meu Pae, Minha Mãe  
Carta aos meus condiscípulos  
Faustino (*Dedicatória*)  
Tardes  
Aos anjos da poesia  
Jornada Trágica  
Os miseráveis  
Os rebeládos  
Cavadôres  
Os mendígos  
Os poetas  
O tuberculoso  
Orfãosinhos  
Noivos  
O boémio  
Noiva morta  
O doido  
Os filósofos  
Figuras antigas  
Evocações  
Ao pé da Luz  
Oração  
Em paz

\*\*\* END OF THE PROJECT GUTENBERG EBOOK DÔR E LUZ \*\*\*

Updated editions will replace the previous one—the old editions will be renamed.

Creating the works from print editions not protected by U.S.

copyright law means that no one owns a United States copyright in these works, so the Foundation (and you!) can copy and distribute it in the United States without permission and without paying copyright royalties. Special rules, set forth in the General Terms of Use part of this license, apply to copying and distributing Project Gutenberg™ electronic works to protect the PROJECT GUTENBERG™ concept and trademark. Project Gutenberg is a registered trademark, and may not be used if you charge for an eBook, except by following the terms of the trademark license, including paying royalties for use of the Project Gutenberg trademark. If you do not charge anything for copies of this eBook, complying with the trademark license is very easy. You may use this eBook for nearly any purpose such as creation of derivative works, reports, performances and research. Project Gutenberg eBooks may be modified and printed and given away—you may do practically ANYTHING in the United States with eBooks not protected by U.S. copyright law. Redistribution is subject to the trademark license, especially commercial redistribution.

START: FULL LICENSE

# THE FULL PROJECT GUTENBERG LICENSE

PLEASE READ THIS BEFORE YOU DISTRIBUTE OR USE THIS  
WORK

To protect the Project Gutenberg™ mission of promoting the free distribution of electronic works, by using or distributing this work (or any other work associated in any way with the phrase “Project Gutenberg”), you agree to comply with all the terms of the Full Project Gutenberg™ License available with this file or online at [www.gutenberg.org/license](http://www.gutenberg.org/license).

Section 1. General Terms of Use and Redistributing Project Gutenberg™ electronic works

1.A. By reading or using any part of this Project Gutenberg™ electronic work, you indicate that you have read, understand, agree to and accept all the terms of this license and intellectual property (trademark/copyright) agreement. If you do not agree to abide by all the terms of this agreement, you must cease using and return or destroy all copies of Project Gutenberg™ electronic works in your possession. If you paid a fee for obtaining a copy of or access to a Project Gutenberg™ electronic work and you do not agree to be bound by the terms of this agreement, you may obtain a refund from the person or entity to whom you paid the fee as set forth in paragraph 1.E.8.

1.B. “Project Gutenberg” is a registered trademark. It may only be used on or associated in any way with an electronic work by people who agree to be bound by the terms of this agreement. There are a few things that you can do with most Project Gutenberg™ electronic works even without complying with the full terms of this agreement. See paragraph 1.C below. There are a lot of things you can do with Project Gutenberg™ electronic works if you follow the terms of this

agreement and help preserve free future access to Project Gutenberg™ electronic works. See paragraph 1.E below.

1.C. The Project Gutenberg Literary Archive Foundation (“the Foundation” or PGLAF), owns a compilation copyright in the collection of Project Gutenberg™ electronic works. Nearly all the individual works in the collection are in the public domain in the United States. If an individual work is unprotected by copyright law in the United States and you are located in the United States, we do not claim a right to prevent you from copying, distributing, performing, displaying or creating derivative works based on the work as long as all references to Project Gutenberg are removed. Of course, we hope that you will support the Project Gutenberg™ mission of promoting free access to electronic works by freely sharing Project Gutenberg™ works in compliance with the terms of this agreement for keeping the Project Gutenberg™ name associated with the work. You can easily comply with the terms of this agreement by keeping this work in the same format with its attached full Project Gutenberg™ License when you share it without charge with others.

1.D. The copyright laws of the place where you are located also govern what you can do with this work. Copyright laws in most countries are in a constant state of change. If you are outside the United States, check the laws of your country in addition to the terms of this agreement before downloading, copying, displaying, performing, distributing or creating derivative works based on this work or any other Project Gutenberg™ work. The Foundation makes no representations concerning the copyright status of any work in any country other than the United States.

1.E. Unless you have removed all references to Project Gutenberg:

1.E.1. The following sentence, with active links to, or other immediate access to, the full Project Gutenberg™ License must appear prominently whenever any copy of a Project Gutenberg™ work (any work on which the phrase “Project Gutenberg” appears, or with which the phrase “Project Gutenberg” is associated) is accessed, displayed, performed, viewed, copied or distributed:

This eBook is for the use of anyone anywhere in the United States and most other parts of the world at no cost and with almost no restrictions whatsoever. You may copy it, give it away or re-use it under the terms of the Project Gutenberg License included with this eBook or online at [www.gutenberg.org](http://www.gutenberg.org). If you are not located in the United States, you will have to check the laws of the country where you are located before using this eBook.

1.E.2. If an individual Project Gutenberg™ electronic work is derived from texts not protected by U.S. copyright law (does not contain a notice indicating that it is posted with permission of the copyright holder), the work can be copied and distributed to anyone in the United States without paying any fees or charges. If you are redistributing or providing access to a work with the phrase “Project Gutenberg” associated with or appearing on the work, you must comply either with the requirements of paragraphs 1.E.1 through 1.E.7 or obtain permission for the use of the work and the Project Gutenberg™ trademark as set forth in paragraphs 1.E.8 or 1.E.9.

1.E.3. If an individual Project Gutenberg™ electronic work is posted with the permission of the copyright holder, your use and distribution must comply with both paragraphs 1.E.1 through 1.E.7 and any additional terms imposed by the copyright holder. Additional terms will be linked to the Project Gutenberg™ License for all works posted with the permission of the copyright holder found at the beginning of this work.

1.E.4. Do not unlink or detach or remove the full Project Gutenberg™ License terms from this work, or any files containing a part of this work or any other work associated with Project Gutenberg™.

1.E.5. Do not copy, display, perform, distribute or redistribute this electronic work, or any part of this electronic work, without prominently displaying the sentence set forth in paragraph 1.E.1 with active links or immediate access to the full terms of the Project Gutenberg™ License.

1.E.6. You may convert to and distribute this work in any binary, compressed, marked up, nonproprietary or proprietary form,

including any word processing or hypertext form. However, if you provide access to or distribute copies of a Project Gutenberg™ work in a format other than “Plain Vanilla ASCII” or other format used in the official version posted on the official Project Gutenberg™ website ([www.gutenberg.org](http://www.gutenberg.org)), you must, at no additional cost, fee or expense to the user, provide a copy, a means of exporting a copy, or a means of obtaining a copy upon request, of the work in its original “Plain Vanilla ASCII” or other form. Any alternate format must include the full Project Gutenberg™ License as specified in paragraph 1.E.1.

1.E.7. Do not charge a fee for access to, viewing, displaying, performing, copying or distributing any Project Gutenberg™ works unless you comply with paragraph 1.E.8 or 1.E.9.

1.E.8. You may charge a reasonable fee for copies of or providing access to or distributing Project Gutenberg™ electronic works provided that:

- You pay a royalty fee of 20% of the gross profits you derive from the use of Project Gutenberg™ works calculated using the method you already use to calculate your applicable taxes. The fee is owed to the owner of the Project Gutenberg™ trademark, but he has agreed to donate royalties under this paragraph to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation. Royalty payments must be paid within 60 days following each date on which you prepare (or are legally required to prepare) your periodic tax returns. Royalty payments should be clearly marked as such and sent to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation at the address specified in Section 4, “Information about donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation.”
- You provide a full refund of any money paid by a user who notifies you in writing (or by e-mail) within 30 days of receipt that s/he does not agree to the terms of the full Project Gutenberg™ License. You must require such a user to return or destroy all copies of the works possessed in a physical medium and discontinue all use of and all access to other copies of Project Gutenberg™ works.

- • You provide, in accordance with paragraph 1.F.3, a full refund of any money paid for a work or a replacement copy, if a defect in the electronic work is discovered and reported to you within 90 days of receipt of the work.
- • You comply with all other terms of this agreement for free distribution of Project Gutenberg™ works.

1.E.9. If you wish to charge a fee or distribute a Project Gutenberg™ electronic work or group of works on different terms than are set forth in this agreement, you must obtain permission in writing from the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, the manager of the Project Gutenberg™ trademark. Contact the Foundation as set forth in Section 3 below.

#### 1.F.

1.F.1. Project Gutenberg volunteers and employees expend considerable effort to identify, do copyright research on, transcribe and proofread works not protected by U.S. copyright law in creating the Project Gutenberg™ collection. Despite these efforts, Project Gutenberg™ electronic works, and the medium on which they may be stored, may contain “Defects,” such as, but not limited to, incomplete, inaccurate or corrupt data, transcription errors, a copyright or other intellectual property infringement, a defective or damaged disk or other medium, a computer virus, or computer codes that damage or cannot be read by your equipment.

1.F.2. LIMITED WARRANTY, DISCLAIMER OF DAMAGES - Except for the “Right of Replacement or Refund” described in paragraph 1.F.3, the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, the owner of the Project Gutenberg™ trademark, and any other party distributing a Project Gutenberg™ electronic work under this agreement, disclaim all liability to you for damages, costs and expenses, including legal fees. YOU AGREE THAT YOU HAVE NO REMEDIES FOR NEGLIGENCE, STRICT LIABILITY, BREACH OF WARRANTY OR BREACH OF CONTRACT EXCEPT THOSE PROVIDED IN PARAGRAPH 1.F.3. YOU AGREE THAT THE FOUNDATION, THE TRADEMARK OWNER, AND ANY DISTRIBUTOR UNDER THIS AGREEMENT WILL NOT BE LIABLE TO YOU FOR ACTUAL, DIRECT, INDIRECT, CONSEQUENTIAL,

PUNITIVE OR INCIDENTAL DAMAGES EVEN IF YOU GIVE NOTICE OF THE POSSIBILITY OF SUCH DAMAGE.

1.F.3. LIMITED RIGHT OF REPLACEMENT OR REFUND - If you discover a defect in this electronic work within 90 days of receiving it, you can receive a refund of the money (if any) you paid for it by sending a written explanation to the person you received the work from. If you received the work on a physical medium, you must return the medium with your written explanation. The person or entity that provided you with the defective work may elect to provide a replacement copy in lieu of a refund. If you received the work electronically, the person or entity providing it to you may choose to give you a second opportunity to receive the work electronically in lieu of a refund. If the second copy is also defective, you may demand a refund in writing without further opportunities to fix the problem.

1.F.4. Except for the limited right of replacement or refund set forth in paragraph 1.F.3, this work is provided to you 'AS-IS', WITH NO OTHER WARRANTIES OF ANY KIND, EXPRESS OR IMPLIED, INCLUDING BUT NOT LIMITED TO WARRANTIES OF MERCHANTABILITY OR FITNESS FOR ANY PURPOSE.

1.F.5. Some states do not allow disclaimers of certain implied warranties or the exclusion or limitation of certain types of damages. If any disclaimer or limitation set forth in this agreement violates the law of the state applicable to this agreement, the agreement shall be interpreted to make the maximum disclaimer or limitation permitted by the applicable state law. The invalidity or unenforceability of any provision of this agreement shall not void the remaining provisions.

1.F.6. INDEMNITY - You agree to indemnify and hold the Foundation, the trademark owner, any agent or employee of the Foundation, anyone providing copies of Project Gutenberg™ electronic works in accordance with this agreement, and any volunteers associated with the production, promotion and distribution of Project Gutenberg™ electronic works, harmless from all liability, costs and expenses, including legal fees, that arise directly or indirectly from any of the following which you do or cause to occur: (a) distribution of this or any Project Gutenberg™ work, (b)

alteration, modification, or additions or deletions to any Project Gutenberg™ work, and (c) any Defect you cause.

## Section 2. Information about the Mission of Project Gutenberg™

Project Gutenberg™ is synonymous with the free distribution of electronic works in formats readable by the widest variety of computers including obsolete, old, middle-aged and new computers. It exists because of the efforts of hundreds of volunteers and donations from people in all walks of life.

Volunteers and financial support to provide volunteers with the assistance they need are critical to reaching Project Gutenberg™'s goals and ensuring that the Project Gutenberg™ collection will remain freely available for generations to come. In 2001, the Project Gutenberg Literary Archive Foundation was created to provide a secure and permanent future for Project Gutenberg™ and future generations. To learn more about the Project Gutenberg Literary Archive Foundation and how your efforts and donations can help, see Sections 3 and 4 and the Foundation information page at [www.gutenberg.org](http://www.gutenberg.org).

## Section 3. Information about the Project Gutenberg Literary Archive Foundation

The Project Gutenberg Literary Archive Foundation is a non-profit 501(c)(3) educational corporation organized under the laws of the state of Mississippi and granted tax exempt status by the Internal Revenue Service. The Foundation's EIN or federal tax identification number is 64-6221541. Contributions to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation are tax deductible to the full extent permitted by U.S. federal laws and your state's laws.

The Foundation's business office is located at 809 North 1500 West, Salt Lake City, UT 84116, (801) 596-1887. Email contact links and up to date contact information can be found at the Foundation's website and official page at [www.gutenberg.org/contact](http://www.gutenberg.org/contact)

## Section 4. Information about Donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation

Project Gutenberg™ depends upon and cannot survive without widespread public support and donations to carry out its mission of increasing the number of public domain and licensed works that can be freely distributed in machine-readable form accessible by the

widest array of equipment including outdated equipment. Many small donations (\$1 to \$5,000) are particularly important to maintaining tax exempt status with the IRS.

The Foundation is committed to complying with the laws regulating charities and charitable donations in all 50 states of the United States. Compliance requirements are not uniform and it takes a considerable effort, much paperwork and many fees to meet and keep up with these requirements. We do not solicit donations in locations where we have not received written confirmation of compliance. To SEND DONATIONS or determine the status of compliance for any particular state visit [www.gutenberg.org/donate](http://www.gutenberg.org/donate). While we cannot and do not solicit contributions from states where we have not met the solicitation requirements, we know of no prohibition against accepting unsolicited donations from donors in such states who approach us with offers to donate.

International donations are gratefully accepted, but we cannot make any statements concerning tax treatment of donations received from outside the United States. U.S. laws alone swamp our small staff. Please check the Project Gutenberg web pages for current donation methods and addresses. Donations are accepted in a number of other ways including checks, online payments and credit card donations. To donate, please visit: [www.gutenberg.org/donate](http://www.gutenberg.org/donate).

Section 5. General Information About Project Gutenberg™ electronic works

Professor Michael S. Hart was the originator of the Project Gutenberg™ concept of a library of electronic works that could be freely shared with anyone. For forty years, he produced and distributed Project Gutenberg™ eBooks with only a loose network of volunteer support.

Project Gutenberg™ eBooks are often created from several printed editions, all of which are confirmed as not protected by copyright in the U.S. unless a copyright notice is included. Thus, we do not necessarily keep eBooks in compliance with any particular paper edition.

Most people start at our website which has the main PG search facility: [www.gutenberg.org](http://www.gutenberg.org).

This website includes information about Project Gutenberg™, including how to make donations to the Project Gutenberg Literary Archive Foundation, how to help produce our new eBooks, and how to subscribe to our email newsletter to hear about new eBooks.